

## Lélia Rita e seu “Amor em Todos os Quadrantes”

**OTÁVIO GONÇALVES GOMES (1916 - 1992) - pertenceu à ASL**

Lélia Rita Euterpes de Figueiredo Ribeiro nasceu em 22 de novembro de 1935, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Filha do engenheiro-agrônomo, ex-Governador de Mato Grosso, Arnaldo Estevão de Figueiredo e Sra. Menodora Fialho de Figueiredo. Fez o primário na Escola Barão de Melgaço, iniciou o ginásio em Cuiabá, passando ao Colégio Sacré Coeur, no Rio de Janeiro e vindo para concluir o ginásio e o científico, no Colégio Nossa Senhora Auxiliadora, de Campo Grande, em 1954.

Ingressou na Faculdade Dom Aquino de Filosofia e Letras, em 1970, onde concluiu o curso de Letras, em 1973. Matriculou-se no Curso de Direito das Faculdades Unidas Católicas, de Campo Grande, em 1980. Poeta, jornalista, professora, Cadeira nº 27 da ASL. Divulgadora e incentivadora da cultura sul-mato-grossense, agraciada com a medalha Dr. Arlindo de Andrade, da Câmara Municipal da capital do Estado, por serviços prestados à cultura em nosso estado. Quando Diretora-Geral do Departamento da Cultura de MS, empenhou-se eficazmente em prol do desenvolvimento e propagação cultural estadual, não só promovendo concursos literários, exposições de arte, mas também cursos de dança e tudo o mais que se relacionasse ao seu departamento.

A respeito do livro de Lélia Rita, disse Carlos Drummond: “Tenho o seu ‘Amor em Todos os Quadrantes’, que fala de uma sensibilidade



Saudosa acadêmica Lélia Rita

“Ingressou na Faculdade Dom Aquino de Filosofia e Letras, em 1970, onde concluiu o curso de Letras, em 1973”.

feminina envolta na paisagem, no meio físico, e espiritual de Mato Grosso. Muito lhe agradeço o presente amigo, que me encantou. O abra-

ço cordial e o afetuoso apreço de Carlos Drummond de Andrade - Rio, 20 de junho de 1977”.

Gervásio Leite assim se manifestou: “... quero expressar-lhe a minha admiração e os meus aplausos pela nítida vocação poética que revela no seu livro de estreia...” É de admirar o seu estilo, a riqueza vocabular, o seu valor dado às palavras, na sua extensão semântica, a forma estética dos poemas, a liberdade de dizer o que sente e como sente, bem personalizam a autora, disse o poeta Severino Toledo - Aquidauana - junho de 1977.

Com relação ao livro de Lélia Rita, “Amor em Todos os Quadrantes”, quando do seu lançamento em 28.05.1977, dissemos o seguinte: Lélia Rita surgiu devagarinho enquanto frequentava a Faculdade D. Aquino de Filosofia e Letras. Depois, com a divisão do estado de Mato Grosso, se inspirou e porejou suas poesias. Seus poemas não são clássicos, mas poesia moderna livre. Drummond e Fernando Pessoa são os seus travesseiros, segundo a própria autora. Percutiu além dos temas da divisão, os do amor à natureza, à vida e os motivos regionalistas, de preferência.

Poesia não é somente rima e métrica. Poesia é imaginação, é sentimento, é sutileza, é a valorização da palavra, é a vibração do verbo e do verso; a poética de Lélia Rita tem tudo isso. Seus temas modernistas, tais como os de Lobivar Matos, valorizam o que é nosso - sem contudo se aprofundar nas questões sociais, mas procura extrair o máximo do sentido das palavras, usando de aliterações, o duplo sentido, e os trocadilhos, muitas vezes.

## Padre Julião Urquia, ilustre desconhecido

**PAULO CORRÊA DE OLIVEIRA - Cadeira nº 15 da ASL**

É impressionante como certas figuras do nosso passado, que tiveram alguma participação especial na história de Mato Grosso do Sul, sumiram dos registros da memória regional. Uma dessas figuras injustiçadas é o padre Julião Urquia. Ele é uma referência nos primórdios da fundação das cidades de Campo Grande e Aquidauana.

Padre Julião, espanhol de nascimento, foi sepultado num modesto túmulo, isolado, atrás do cruzeiro central, no cemitério municipal de Aquidauana. Há alguns anos ignorado, pois já não havia mais nenhuma placa de identificação na sua sepultura.

Paulo Coelho Machado nos revela que em 4.03.1879, padre Julião, então vigário de Miranda, foi chamado pelo fundador de Campo Grande, José Antônio Pereira, para rezar a primeira missa no novo povoado e inaugurar o modesto templo da Igreja de Santo Antônio, junto à Rua Velha (26 de Agosto). E, também para celebrar os casamentos simultâneos do filho de José Antônio Pereira com a filha de Manuel Vieira de Sousa. E deste, viúvo e idoso, com a filha mais velha do fundador. E também, de Joaquim Pereira com

outra filha de Manuel V. de Sousa. Num entrelaçamento muito festejado das duas famílias: Pereira e Sousa.

Em Aquidauana, o nome do padre Julião aparece num documento, em que há 52 subscritores de compra de lotes para pessoas dispostas a participarem da fundação do projetado povoado de Aquidauana, terra a ser comprada de João Dias Cordeiro, conforme a historiadora Joana Neves. Cláudio Robba, no seu livro, também nos fala de uma reunião, em 5.07.1899, com alguns fundadores de Aquidauana e o referido padre Julião para ser criada a “Irmandade de Nossa Senhora da Conceição do Alto Aquidauana” com a finalidade da construção de uma capela, na Praça, em honra da Padroeira, sendo ele depois seu primeiro vigário.

J. Barbosa Rodrigues faz uma citação do historiador Estevão de Mendonça, falando do padre Julião: “O vigário Julião, espanhol, é um modelo de virtudes”.

Padre Julião Urquia substituiu Frei Mariano Bagnaia, em 1874, como vigário de Miranda, onde permaneceu provavelmente até 1910. Frei Mariano está ligado depois à história de Corumbá, e também ao seu folclore, pois teria amaldiçoado a cidade, narrada em várias versões. Todas elas im-

plausíveis. O fato é que este religioso, enquanto vigário de Miranda, foi preso durante a guerra do Paraguai e levado para Assunção. No final de sua vida vai se manifestar, e acentuar, perturbações mentais em consequência provável dos problemas sofridos de ordem moral e de ordem psicológica com a prisão no Paraguai, conforme Frei Alfredo Sganzerla. Com uma navalha golpeou-se na garganta e faleceu tragicamente em 9.08.1888, com 68 anos, em Campos Novos Paulista. Foi sepultado no interior da Igreja dessa cidade.

Padre Julião, idoso, teve um fim menos trágico. Viveu seus últimos anos em Aquidauana, na Rua Cândido Mariano, próximo à Praça, onde foi erigida depois de alguns anos, no mesmo local da antiga capela erigida pela Irmandade de Nossa Senhora da Conceição do Alto Aquidauana, o bellissimo templo da Igreja Matriz de Aquidauana.

Faleceu em 27 de outubro de 1926, com 90 anos de idade. O atestado de óbito feito pelo médico Estácio Muniz, recém-formado (1923), dá como causa mortis arteriosclerose generalizada. Com recurso da iniciativa privada, o túmulo do padre Julião Urquia foi revestido com granito e uma placa de denominação faz com que este jazigo deixe de ser, no dia de hoje pelo menos, o túmulo de um Ilustre Desconhecido.

## Caso de documento

**EDUARDO MACHADO METELLO (1930 - 2000) - pertenceu à ASL**

O Dácio e eu fomos representar a CNA numa reunião do MERCOSUL, no Uruguai.

Avisados anteriormente de que não era exigido passaporte para ingressar no país vizinho, fomos munidos apenas de nossas carteiras de identidade.

Mal saídos da aeronave, nos dirigimos à recepção onde nos foram pedidos os documentos pessoais. Despreocupado, apresentei a minha identidade fornecida pela Ordem dos Advogados do Brasil (OAB).

O funcionário, com a cara fechada, grosseiro, ríspido. Imediatamente me conduziu a uma sala próxima, dizendo; - O senhor está detido. Vai ser repatriado pelo primeiro avião a sair do país!

Surpreso, fiquei sabendo que a carteira profissional - legalmente aceita no Brasil como prova de identidade - não era válida para viagens internacionais, onde só serviam documentos expedidos pela Secretaria de Segurança Pública.

Diante daquela ameaça - o Dácio, aflito, vendo as coisas malparadas - me lembrei, providencialmente, de exibir a carta na qual eu era convidado a participar, oficialmente, da reunião do Mercosul pelo Ministro das Relações Exteriores do Uruguai.

Felizmente o sisudo funcionário se convenceu a me deixar passar, com o compromisso de que eu providenciaria um passaporte no Consulado Brasileiro para exibi-lo na saída do país.

O documento do Ministro me salvou na hora certa... ufa!

## Engenho velho

**HÉLIO SEREJO (1912 - 2007) - pertenceu à ASL**

Engenho velho ringidor, puxado a boi e que lembra, nas rodinhas do grande laço do tempo, gemidos de negros escravos e estalos, impiedosos, de relho de feitor.

Engenho velho que moeu cana, produziu garapa, fabricou melado e rapadura e matou muita gente de cansaço e fadiga. Engenho velho de bicas caídas, fornalhas em ruínas, paredes e teto cheios de picumã, coberto de zinco retorcido pelo vendaval do sul.

Engenho velho que é a imagem sinistra de um passado distante, quando campereava por ali o bruxo da maldade humana. Teve vida e viveu anos sem conta, diuturnamente como morcego escoavante do sangue dos desgraçados. Foi cruz e foi sepulcro, ao mesmo tempo. Em sua moenda passaram os gritos estertorantes dos que tomaram já em vida, aos bategaços do duro velho assassino...  
A água que vinha, canalizada, pa-

ra os grandes recipientes carregou o turbilhão de lágrimas, de velhas mães desesperadas. Cada esteio seu foi erigido com o sacrifício de uma vida. E o picumã, ainda em seu esplendor, pôs no corpo disforme a mortalha de ódio. E uma cruz formada pela chaminé e por um galho de árvore, como improviso celestial, projetou sua sombra longa, no chão lamacento do terreno.

Certo dia os elementos enraivecidos resolveram exterminá-lo. E três faíscas reduziram-no a escombros. Logo veio a enxurrada da tormenta e devorou tudo por baixo.

Os seus esteios, mudos, ficaram apontando para o céu. E quando à tarde, para o pouso, os corvos vêm ali sentar-se, dizem todos se benzen-do, que são as almas dos negros mortos de judiação transformados nessa ave de rapina que vem ver se o patrão também não morreu fulminado, no dia da catástrofe, em que desapareceram os últimos pretos, soterrados pelos escombros do Engenho...

## +POESIAS

### Bomba-relógio

sou uma bomba-relógio  
trago dentro em mim  
o tempo que se esvai  
e não sei quando vai  
do que tenho ainda  
a dar ou receber  
não resta ideia do quanto  
tenho ainda a ser  
sou uma bomba-relógio  
e não pretendo  
machucar ninguém  
o que vai ficar  
depende daquilo  
que um dia foi  
ou fui

**HENRIQUE ALBERTO DE MEDEIROS FILHO**

### Desargumentos

Sou tempestade  
Sou temporal... sou temporão  
Sou um grito intempestivo  
Desço ladeira abaixo  
Encaixotado em jornais  
Ruas coram os desargumentos  
Faces carregam seus descréditos  
Emoldurados em máscaras  
Tento reaver o aperto de mão  
Proibido  
O abraço pomáceo de Eva  
Na questionável maneira de ser  
Suspiros ensurdecedores  
Pronados no leito  
Dígiro minha desatenção  
E choro porque não sei cantar.

**MARCOS ESTÉVÃO**

### Há um amor...

Há um amor  
Que envolve todos os amores...  
Que nos faz ver tudo diferente...  
Como se as coisas, os fatos,  
Os gestos das pessoas  
Tivessem diferentes cores...  
Um amor indefinível  
Como todos os amores...  
Só difere por ser universal  
E por levar-nos por caminhos  
Onde às vezes encontramos,  
Entre flores, espinhos...  
Mas nunca  
Nem a sombra do mal!...  
Esse amor que ilumina  
E aquece a nossa vida  
É o que vem do Espírito Santo  
E nos ajuda a viver  
Mesmo tendo o coração ferido  
E os olhos em pranto.

**OLIVA ENCISO**

### Haikais

Deixando o seu leito  
o maior rio fronteiro  
forma o Pantanal.

Todo o meu Pantanal  
se cobre de águas quando  
cresce o rio Paraguai.

Vegetal tapete  
deslizando sobre águas  
- camalote chama.

Aqui no Pantanal  
vagalumes e mosquitos:  
grandes como avião.

**J. BARBOSA RODRIGUES**

### Girassóis

Vaga luz que os olhos não creem,  
Vaga luz de um sonho que dormiu.  
Luz distante, calada, que partiu.  
Sol que surgiu e não mais se vê.  
Sóis... Tantos sóis!  
Ah!... Meus girassóis...  
Girando, girando até morrer,  
Buscando seus raios, querem viver.  
Ah!... Essa dor que não para!  
É a dor que aumenta, luz minha.  
Oh! não se vá, olhe em meus olhos,  
Venha nascer, luz pequenina e clara.  
Abraça-me, que estou sozinha!  
Beija-me como se eu fosse a luz.  
Ilumina-me, que sou a Terra.  
Ama-me, que sou sua atmosfera!

**ELIZABETH FONSECA**